

Ano XXIV nº 6490 – 28 de dezembro de 2021

Em 12 meses, bancos eliminaram 6,7 mil postos de trabalho



As demissões no setor bancário atingem números alarmantes. Em 12 meses encerrados em setembro foram fechados 6.763 postos de trabalho. No total, foram 44.003 demissões. A imensa maioria (45,7%) sem justa causa.

Outro dado mostra o lado perverso das empresas. Na pandemia de março de 2020 a setembro de 2021, 55 mil bancários foram desligados, de acordo com o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Somente o Bradesco foi responsável por mais de 8 mil demissões.

Mesmo sendo o setor que mais lucra no Brasil, no primeiro semestre colocou nos cofres mais de R\$ 67 bilhões, o sistema financeiro continua com a onda de desligamentos. Isso é alarmante, porque significa que a categoria está diminuindo, embora o número de clientes cresça. Um mecanismo imperdoável adotado pelos bancos, que não contribui para o desenvolvimento social e econômico do país e ainda adoce os trabalhadores, extremamente sobrecarregados nas agências.

Além do corte de vagas, a rotatividade continua alta e as empresas lucram alto com o movimento. Segundo o Caged, o salário mensal médio dos admitidos corresponde a 92,9% da remuneração média dos bancários desligados. Em setembro, o salário médio do admitido foi de R\$ 5.049, enquanto os desligados recebiam em média R\$ 5.437,02.

Dieese discorda de expectativa de inflação menor projetada pelo governo Bolsonaro

A equipe econômica do governo Bolsonaro, comandada pelo ministro da Economia Paulo Guedes está otimista e projeta uma redução da inflação em 2022. O Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socio-econômicos) divulgou nota discordando das projeções oficiais do Palácio do Planalto e acredita que a situação dos preços no ano que vem não serão positivas para a população. A ausência de políticas públicas, a incerteza internacional, pressões represadas o calendário eleitoral são alguns dos fatores que dificultarão a queda nos resultados calculados pelo IPCA e INPC. A prévia para janeiro, no encerramento de 2021 mostrou a taxa elevada, atingindo dois dígitos: 10,42%, o maior índice em seis anos.

A nota técnica critica a resposta do governo à pressão inflacionária elevando ainda mais os juros, que são os maiores do planeta. De março a dezembro a Selic saltou de 2% a 9,25% ao ano. O Dieese destaca que a elevação de cada ponto percentual na taxa básica de juros “transfere dezenas de bilhões especialmente aos bancos e grandes fundos de pensão nacionais e estrangeiros, detentores privados dos títulos públicos”.

O preço dos alimentos foi impactado pela alta da energia elétrica, dos combustíveis e importação de insumos, agravado pela crise cambial. A moeda brasileira, o real, é a terceira no mundo que mais desvaloriza.

De maio a novembro, a energia elétrica subiu 26,9% e o gás de cozinha, 20,6%, respondendo por quase um quarto da variação da inflação.

Santander anuncia cancelamento definitivo do Encontro Anual

O Santander informou o cancelamento definitivo da sua festa de fim de ano (Encontro Anual). O anúncio foi feito por meio de comunicado, em nome do presidente do banco, Sérgio Rial. “A epidemia recrudesciu junto com uma onda séria do vírus H3N2 em São Paulo. A melhor decisão agora é cancelar o nosso evento”, diz o informativo divulgado no aplicativo Now.

Originalmente o Encontro Anual seria realizado presencialmente, no estádio do Corinthians, no dia 11 de dezembro. Posteriormente, foi informado que o evento seria adiado, possivelmente para 29 de janeiro de 2022. Nesta segunda-feira 27, o banco divulgou o cancelamento definitivo do encontro.

“Parabenizamos a decisão da direção do Santander. É uma decisão assertiva e responsável em um momento como esse, que vem ao encontro daquilo que o movimento sindical vem reivindicando desde que a realização do evento foi divulgado”, diz Lucimara Malaquias, coordenadora da comissão de organização dos empregados do Santander.